

CAIS DO ABANDONO



INFÂNCIA ESQUECIDA NOS PORTOS DA COPA

Série de reportagens revela abusos sofridos por crianças e adolescentes em terminais marítimos e fluviais das cidades sedes

» LEILANE MENEZES
» HELENA MADER
» MONIQUE RENNE (FOTOS)

Ao desembarcar de transatlânticos para assistir aos jogos da Copa do Mundo, os turistas vão se deparar com o abandono da infância brasileira. Nos portos das cidades sedes do mundial de futebol, meninas seminuas vendem os corpos em troca de um prato de comida. Garotos franzinos carregam malas e vendem bugigangas para sobreviver. Jovens moradores de rua fumam crack à beira-mar para tentar fugir da rotina de desamparo e de desespero. O governo modernizou a estrutura das regiões portuárias, mas não conseguiu acabar com a violação dos direitos das crianças nessas áreas. Os terminais marítimos e fluviais de todo o Brasil são pontos para a exploração sexual de adolescentes, o trabalho infantil e o uso de drogas.

A equipe do Correio viajou 8 mil quilômetros e visitou quatro capitais para conhecer a realidade de quem vive em áreas onde o crescimento econômico nem sempre é sinônimo de avanço social. Hoje e nos próximos três dias, o jornal publica a série de reportagens *Cais do abandono*, que mostrará os principais abusos sofridos por crianças e adolescentes em regiões portuárias.

O governo federal estima em R\$ 33 bilhões os investimentos em infraestrutura realizados para a Copa em todas as sedes. Já o repasse para o combate à exploração sexual infantil ficou em R\$ 1,3 milhão em 2013 — o equivalente a 0,03% da despesa total em obras. Do total de gastos em infraestrutura, R\$ 499 milhões foram reservados para a reforma e a construção de terminais portuários.

Em Manaus, nos fins de semana, casas de palafitas vizinhas ao porto transformam-se em bares, onde garotas consomem drogas e vendem sexo a R\$ 10. Homens buscam meninas em jet skis, para levá-las aos pontos de exploração. Barcos proibidos de circular por falta de documentação são usados como motéis, para onde são levadas as jovens aliciadas. “Há dezenas de embarcações ancoradas, sem poder navegar, mas, em vez de resolver o problema, os donos transformaram em motel, cobrando R\$ 40 por hora”, afirma Clodoaldo Santos, conselheiro tutelar em Manaus.

A desigualdade é nítida também no Porto de Salvador. O centro histórico, vizinho ao terminal de embarque e desembarque, é a primeira parada dos turistas. Crianças espalham-se pela área do Mercado Modelo para atrair a atenção dos visitantes endinheirados. Nadam no mar, próximo à entrada do comércio, à espera de estrangeiros dispostos a atirar moedas. Instruídos por guias ou conquistados por gritos que pedem *money*, do alto da rampa, turistas divertem-se com a disputa dos meninos pela esmola lançada ao mar. A postos, garotos usam frágeis máscaras de mergulho para enxergar as moedas no fundo da água. Não raramente, crianças cortam-se nas hélices dos barcos aportados. “Venho desde os 5 anos. Se a gente junta cinco dólares, os comerciantes pagam até R\$ 14”, relata Duro, 16 anos, que ganhou esse apelido por ser valente. O dinheiro catado no mar se transforma em crack.

Reação tardia

Entidades de defesa dos direitos da infância chamam a atenção para o abismo entre os valores destinados a obras e os alocados para a proteção de meninos e meninas, expostos a diversas violações. “Problemas graves como a exploração existem no Brasil, sem a Copa do Mundo. Megaeventos, porém, aumentam os fatores de vulnerabilidade e expõem crianças e adolescentes a novos riscos”, explica a coordenadora de programas da Childhood Brasil, Anna Flora Werneck.

A socióloga e especialista em política públicas para infância Graça Gadelha percorreu as sedes da Copa. Reconhece que existe um esforço do governo para combater a exploração sexual, mas crítica a demora para o início das ações. “O país foi escolhido como sede da Copa em 2007, mas somente em 2012 o governo começou a elaborar a agenda de convergência. Foi uma decisão tardia”, comenta.



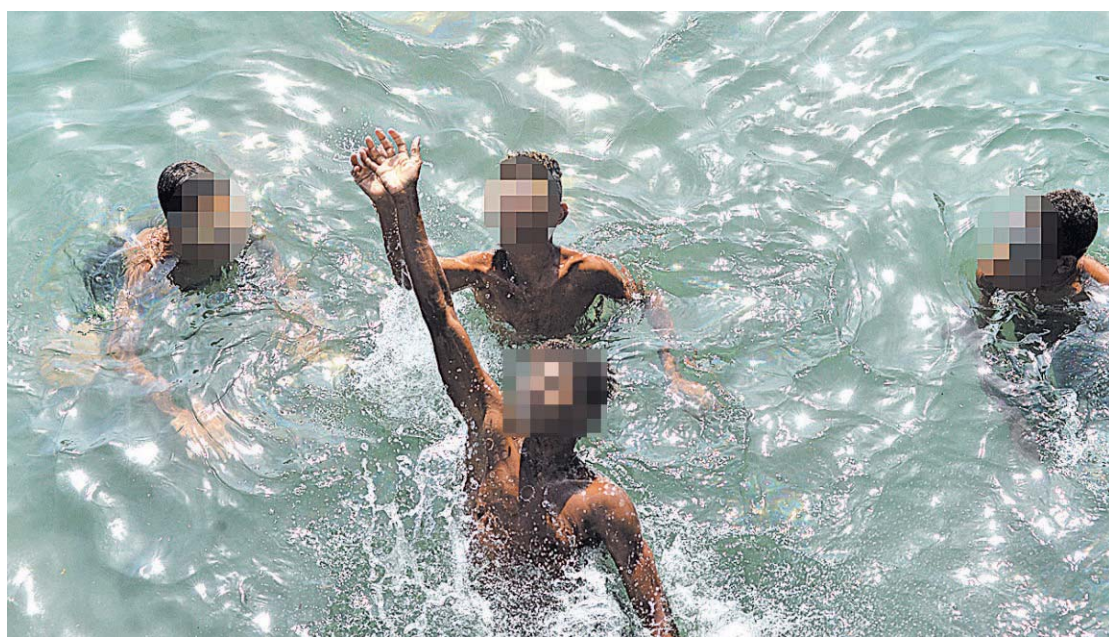
Em Manaus, homens transportam meninas em jet skis para levá-las a pontos de exploração sexual. Na capital baiana, meninos disputam as moedas atiradas por turistas estrangeiros: esmola utilizada para comprar crack

ESTRATÉGIA PARA GRANDES EVENTOS

Cerca de 600 mil turistas estrangeiros e 3 milhões de viajantes nacionais devem circular pelas cidades sedes durante a Copa, de acordo com a Embratur. Mais do que lembranças dos jogos e da cultura local, parte dos visitantes pretende levar para casa vestígios da dignidade de crianças e adolescentes, que se oferecem como artigo de diversão ou força de trabalho, em troca de algum dinheiro.

No governo federal, a mobilização para implantar uma rede de proteção à infância durante os megaeventos começou em agosto de 2012, com a criação do Comitê Nacional para a Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente nos Grandes Eventos. O colegiado reúne representantes da sociedade civil, de organismos internacionais, de empresas e do governo. Também saíram do papel os comitês locais, para diagnosticar as violações mais recorrentes e a situação da rede montada para combatê-las. O combate ao trabalho infantil e à exploração sexual são alguns dos principais focos.

A secretária Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Angélica Goulart, explica que a estratégia para os grandes eventos inclui a realização de plantões de equipes com profissionais de várias áreas, criação de espaços temporários de acolhimento e a formação de equipes itinerantes. “Os conselhos tutelares estão sendo fortalecidos nas cidades sedes, com melhoria da estrutura. Também teremos ações complementares, como o fortalecimento do Disque 100”, comenta Angélica. Em todos os voos internacionais que pousarem no Brasil durante a Copa, o comandante lerá uma mensagem aos passageiros alertando para o fato de que a exploração sexual de crianças e adolescentes é crime. (HM e LM)



Terminais

Sete das 12 cidades sedes da Copa do Mundo têm portos, que vão receber navios estrangeiros e nacionais durante o evento. A Secretaria de Portos da Presidência da República previu investimentos de R\$ 499,4 milhões, mas, em alguns

terminais, as obras não saíram do papel. Além disso, há empreendimentos tocados pelo Dnit ou com recursos privados. Confira os valores previstos para cada porto e os problemas sociais mais recorrentes nessas áreas portuárias.

Manaus

Investimentos previstos: **R\$ 71 milhões**
A obra, realizada pelo Dnit, saiu da matriz do PAC Copa
Previsão de inauguração: **abril de 2015**

Fortaleza

Investimentos previstos: **R\$ 202,6 milhões**
Previsão de inauguração: **maio de 2014**

Salvador

Investimentos previstos: **R\$ 40,7 milhões**
Previsão de inauguração: **abril de 2014**

Natal

Investimentos previstos: **R\$ 73 milhões**
Previsão de inauguração: **maio de 2014**

Recife

Investimentos: **R\$ 28,1 milhões**
Obra concluída em 2013

Santos

Investimentos previstos: **R\$ 155 milhões**
Previsão de inauguração: **abril de 2014**

Rio de Janeiro

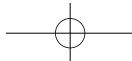
Investimentos previstos: **R\$ 3 bilhões**
A obra saiu da matriz do PAC Copa e será tocada com recursos das três esferas de governo e da iniciativa privada
Previsão de inauguração: até as Olimpíadas de 2016

VIOLAÇÕES DE DIREITOS DA INFÂNCIA IDENTIFICADAS NOS PORTOS:

Exploração e abuso sexual, trabalho infantil, uso de drogas e remoções em massa para realização de projetos de infraestrutura

Fonte: Secretaria de Portos da Presidência da República

Editoria de Arte/CB/D.A Press



CAIS DO ABANDONO



Adolescentes vendem o bilhete por R\$ 5, e o "prêmio" é passar a noite com uma das participantes do esquema de exploração. Conselho Tutelar da capital amazonense sofre com a falta de estrutura de trabalho

A RIFA DO SEXO DAS MENINAS MANAUARAS

» Denúncias em smartphones

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, em parceria com o Unicef e com o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente da Bahia, desenvolveu um aplicativo chamado Proteja Brasil, que servirá para fazer denúncias de violações de direitos da infância, especialmente nos megaeventos. A partir da localização do autor da denúncia, é possível encontrar os telefones de entidades como conselhos tutelares e ONGs que ajudam no combate à violência contra a criança. As denúncias podem ser anônimas. É possível baixar o aplicativo gratuitamente em smartphones Android e iOS.



Adolescentes com o corpo à mostra abordam clientes para vender as rifas em feira ao ar livre, perto do Porto de Manaus

PERSONAGEM DA NOTÍCIA



Briga por espaço

Na capital baiana, os direitos da infância desmoronam diante do olhar passivo da sociedade, mas há pessoas como a coordenadora do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Salvador (Cedeca-SA), Cida de Roussan (foto), dedicadas a preservá-los. O casarão histórico onde funcionava a entidade ameaça cair, devido à má conservação. A estrutura de trabalho foi transferida para endereço provisório, no Pelourinho, mas a briga por um espaço adequado e fixo arrasta-se há quatro anos. Cida não desiste de cobrar ações do governo. Atualmente, a preocupação dela é garantir os direitos da infância e juventude durante a Copa do Mundo. "Precisamos entender o perfil do turista que desembarcará aqui, pois teremos seis jogos. A prefeitura vai fazer dois dias de carnaval fora de época durante o mundial. Não quero menino tocando tambor para entreter turista. Quero políticas sociais para defendê-los dos abusos típicos de grandes eventos", diz Cida. O Cedeca-SA nasceu para fazer justiça a jovens, a maioria negros e pobres, assassinados em massa, nos anos 1990, quando a cidade registrou média anual de 90 homicídios de menores de 18 anos, com menos de um julgamento por ano.

» LEILANE MENEZES
» HELENA MADER
» MONIQUE RENNE (FOTOS)

Uma linha imaginária divide as duas áreas do Porto de Manaus: de um lado, há pequenos e mal-cuidados barcos, usados para transportar populações ribeirinhas, superlotados e, às vezes, sem documentação. Do outro, ficam ancorados os luxuosos navios estrangeiros, recebidos com festa. Empolgados, os turistas internacionais desembarcam na capital do Amazonas em transatlânticos com capacidade para até 3 mil pessoas. Não raramente, são recepcionados por banda marcial da Marinha e, antes de deixar o terminal, param em quiosques de artesanato armados especialmente para recebê-los, onde podem comprar joias e produtos regionais, como bijuterias feitas de sementes da Amazônia.

Ao cruzar o portão das docas, os visitantes enxergam um lado nada festivo de Manaus. A feira, a poucos metros do desembarque, apresenta uma capital que rifa a infância de suas meninas. Garotas entre 10 e 17 anos, com o corpo à mostra e os pés calçados em chinélos velhos, passeiam em meio às barracas de frutas, peixes e verduras, com blocos de papel nas mãos ou nos bolsos. De acordo com o Conselho Tutelar de Manaus, meninas são usadas como iscas por comerciantes, às vezes os próprios pais, para atrair fregueses. Quando homens se aproximam, além de oferecer os produtos, elas vendem um bilhete por R\$ 5. Quem compra tem o nome incluído em uma lista. Se for sorteado, o "prêmio" é uma noite de sexo com uma das participantes do esquema.

Enquanto metade do grupo trabalha com a venda da rifa, o restante atende os sorteados da semana anterior. O dinheiro arrecadado é dividido igualmente entre elas. O Conselho Tutelar de Manaus recebeu denúncias sobre a existência do esquema criminoso de venda de rifas sexuais. Conselheiros observaram o movimento, entrevistaram os envolvidos e constataram a existência do jogo de azar que tem meninas como prêmio. "O falso prêmio é um eletrodoméstico. Isso serve apenas como disfarce para o esquema. Apreendemos o caderno com a lista de clientes e eram somente homens adultos. Temos depoimentos de testemunhas. O sexo aqui é vendido por R\$ 5. Fazendo rifa, elas descobriram uma maneira de ganhar mais", afirma Clodoaldo Santos, conselheiro tutelar em Manaus.

O conselho entregou documentos e relatórios da investigação para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) da capital amazonense e comunicou o



Namorado acariciava a barriga de Ana, 12 anos, que engravidou durante um programa sexual

crime à Vara da Infância, no fim de 2013. "Fizemos uma operação para averiguar as denúncias, mas encontramos somente crianças acompanhadas dos pais na feira. Na ocasião, não conseguimos fazer flagrantes, mas a apuração de compra de rifas, explicou a delegada Linda Gláucia de Moraes, chefe da DCA.

O Ministério Público do Amazonas confirmou a existência de uma investigação do esquema, mas informou que o processo está em segredo de Justiça, por envolver crianças. O conselheiro Clodoaldo Santos reclama da falta de condição para trabalhar. "O Conselho Tutelar extrapola suas atribuições e faz até investigação. Infelizmente, só temos um carro e somos três conselheiros nessa região do porto. Já pedimos a compra de um barco, que nunca veio. Nossa extensão de rios é enorme e não conseguimos fiscalizá-los e atender chamados sem meios de transporte adequados", reclama.

Quando Luísa*, 12 anos, uma das meninas envolvidas no esquema da rifa, se apresentou ao conselho tutelar, foi atendida pela conselheira Dalva Guimarães. "Desde que me entendo por gente comecei a sofrer", contou. A exploração sexual tornou-se um problema hereditário em Manaus. "Já é uma cultura. A avó dela foi explorada, a mãe dela também e agora Luísa vive dessa forma. As mães veem nas filhas uma forma de ganhar dinheiro. Enquanto o Estado não perceber que o

“O falso prêmio é um eletrodoméstico. Isso serve apenas como disfarce para o esquema”

Clodoaldo Santos, conselheiro tutelar em Manaus

sistema de atendimento não funciona, a gente enxugará gelo", avalia Dalva.

Na rua

A Bahia é o terceiro estado brasileiro em número de denúncias de violações de direitos da infância: foram 10,9 mil no ano passado. Apenas Rio de Janeiro e São Paulo estão à frente, de acordo com dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Em Salvador, o investimento em melhorias no porto da cidade chegou a R\$ 40,7 milhões, com a justificativa de atender aos turistas, especialmente durante o mundial. Até o momento, apenas uma embarcação, vinda do México, com 3,5 mil pessoas a bordo, confirmou presença. O transatlântico aportará no Rio de Janeiro e depois seguirá para terras baianas, onde ficará durante quatro dias.

A área de embarque e desembarque de passageiros fica próximo ao Mercado Modelo, no Centro Histórico, um dos pontos mais apreciados pelos turistas e, paradoxalmente, uma das regiões com maior presença de crianças e adolescentes em situação de rua. A riqueza que circula no porto não se reflete nos arredores. Além da exploração sexual, é comum flagrar casos de trabalho infantil e uso abusivo de drogas por crianças no terminal marítimo da capital baiana.

* Todos os nomes de jovens usados na série são fictícios, em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente

EM TROCA DE UMA PORÇÃO DE DROGAS

Vulnerável à abordagem de aliciadores, Ana*, 12 anos, vive na rua da capital cearense desde os 4. A mãe é dependente química, também sem endereço fixo. A certidão de nascimento não traz o nome do pai. Esse vazio deve se repetir na vida do filho que a criança carrega na barriga. Há quatro meses, ela, que ainda não aprendeu a cuidar de si mesma, gera outra vida. Com pouco menos de 1,50m de altura e 36kg, a menina faz parte de uma rede de exploração sexual. Atende ligações de um homem, que empresta o apartamento onde vive para que turistas mantenham relações sexuais com a garota, em troca de R\$ 20 ou uma porção de drogas. Ela recebe propostas nas praias da cidade, uma delas bem ao lado do Porto do Mucuripe.

Ana nasceu em Caridade (CE), mas lembra pouco da infância recente. Sabe que viajou para a capital em uma carroça, com a mãe e o padrasto. "Foram cinco dias e cinco noites de estrada", diz. Em vários momentos, ela faz lembrar que tem apenas 12 anos, como quando pediu para segurarem a sua mão na hora de tomar vacinas, durante o pré-natal. Nessas horas, conta com apoio de João*, 14 anos, o namorado que promete assumir a paternidade do bebê. "Ele me protege e me ajuda a achar coisa para comer, quando acordo com fome e o bebê mexe muito", relata. Durante uma consulta médica em um posto de saúde da cidade, a criança que espera um bebê perguntou à médica se era possível parir vestida. "Não quero tirar a roupa na frente de gente que não conheço", justificou. Foram educadores da Rede Aquarela, projeto social mantido com apoio da Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos de Fortaleza, os responsáveis por convencê-la a cuidar da gestação. A mesma equipe deverá encaminhá-la a um abrigo, quando o neném nascer.

A região do Porto do Mucuripe, próxima à avenida Beira Mar, é cercada de favelas. Em bairros como o Serluz e o Alto da Paz, as casas não têm banheiros. Também não há energia elétrica regularizada ou sistema adequado de coleta de lixo. O porto recebeu R\$ 202 milhões em verba federal para expandir o terminal de passageiros e construir espaços para retirada de bagagem, alimentação e lazer. (LM e HM)

LEIA AMANHÃ

Casos de exploração crescem enquanto os investimentos minguam